



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**TRADUÇÃO DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS E O USO DE LINGUAGEM
INCLUSIVA**

Maria Gabriela Patricio de Melo

Rio de Janeiro

2021

MARIA GABRIELA PATRICIO DE MELO

TRADUÇÃO DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS E O USO DE LINGUAGEM
INCLUSIVA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/ Inglês.

Orientadora: Prof. Dr^a. Janine Maria Mendonça Pimentel

RIO DE JANEIRO

2021

[a] change in linguistic practice is not just a reflection of some more fundamental social change: it is, itself, a social change' (Cameron 1990:90).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter estado comigo e me dado força e determinação quando eu achei que não seria possível continuar.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer à minha família: minha mãe Ana Paula e minha irmã Ana Carolina por serem minha base durante toda minha vida e pelo amor, incentivo e apoio que sempre tive delas. Sem essa rede de apoio teria sido impossível passar pela graduação e por todas as dificuldades que com ela vem.

Ao meu companheiro de vida, Filipe, obrigada por estar ao meu lado há tanto tempo, desde o pré-vestibular, enquanto eu ainda escolhia minha carreira, e durante toda a graduação. Obrigada por apoiar meus sonhos e vibrar minhas conquistas.

Aos amigos que a Letras me deu: Igor, Isabela, Juliana, Luciana e Maria Clara. Obrigada por fazerem esses anos mais leves e divertidos. Por todas as manhãs e tardes que passamos juntos estudando, ou não, e por toda a parceria durante esses cinco anos.

Um agradecimento especial à Juliana e a Maria Clara. À Ju, obrigada por sempre estar ao meu lado durante todos esses anos de faculdade. Obrigada pelo companheirismo, pelos trabalhos em grupo que foram mais leves com você, e pelo apoio contínuo. Eu sou muito feliz de poder ter dividido essa jornada com você desde o começo. À Maria, sou extremamente grata pela amizade que construímos, pelo apoio que sempre recebi de você e pelas conversas que tivemos ao longo dos anos.

Às professoras Daniela Cid e Michela Rosa, obrigada por terem me ensinado tanto em suas aulas.

À professora Janine Pimentel, que foi responsável por me apresentar à tradução e por ser uma professora e orientadora tão atenciosa e profissional. Ser convidada a participar do projeto OBOS me deu confiança e mudou minha percepção em relação a muitas coisas relacionadas à tradução e a sociedade.

Sumário

- 1- Por que falar de gênero ao tratar de linguagem inclusiva?
- 2- As lutas feministas e suas contribuições para os Estudos Linguísticos
- 3- Estudos Feministas de Tradução
- 4- Desafios da tradução de *Nossos Corpos por Nós Mesmas*

Conclusão

Referências Bibliográficas

Introdução

Este trabalho nasceu a partir de dúvidas e inquietações que surgiram durante o projeto de tradução feminista de um best-seller sobre saúde e sexualidade da mulher. O livro em questão se chama *Our Bodies, Ourselves* (2011), traduzido como *Nossos Corpos Por Nós Mesmas* (2021), e foi escrito durante os anos 70, por mulheres estadunidenses, com intuito de compartilhar suas experiências e trocar informações confiáveis acerca de assuntos sobre saúde e sexualidade da mulher. Os temas dos capítulos, que eram e ainda são considerados tabus na sociedade norte americana, vão de autoimagem, contracepção, desejando (ou não) a maternidade, até a legalização do aborto – proposta que foi aprovada pela Suprema Corte dos Estados Unidos em 1973. Com o passar dos anos o livro foi ganhando notoriedade e expressividade, sendo então traduzido para mais de trinta línguas ao redor do globo. A edição traduzida para o PT-Br é a nona e última.

Antes de abordar o tópico deste trabalho em questão, é importante salientar que a tradução e adaptação de *Our Bodies, Ourselves* (OBOS) para o Português brasileiro foi feita coletivamente em uma parceria entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Estadual de Campinas, o Coletivo Feminista Saúde e Sexualidade, situado em São Paulo, e a Universidade de São Paulo. O propósito deste projeto é levar informação para toda a diversidade de mulheres brasileiras do século XXI, garantindo o acesso descomplicado e sem juízo de valor acerca de seus corpos e sexualidade. O amplo acesso a informação se faz possível graças à adaptação e tradução, sendo essa última o foco deste trabalho.

A equipe OBOS Brasil acredita que é a partir da linguagem que determinados valores e construções sociais vão se moldando e se transformando, por isso o intuito do projeto é difundir informação e incluir mulheres no discurso. Para isso, uma tradução acessível e feminista foi adotada. Segundo Guardia (2007), “a tradução passa a ser um modo de expressão e difusão da pluralidade de ideologias feministas existentes, enriquecendo o discurso feminista e o cânone literário, majoritariamente composto por homens brancos.” (apud WAQUIL 2021, p. 7).

Assim, a tradução de *Nossos Corpos Por Nós Mesmas* foi algo ideológico e político, em que as tradutoras fizeram escolhas lexicais e sintáticas baseando-se nessa perspectiva de

tradução, que busca a libertação das mulheres por meio do discurso. No entanto, foi uma tarefa árdua fazer com que a versão em português tivesse uma linguagem feminista e inclusiva. Essa dificuldade se deu por conta das diferenças morfológicas e sintáticas entre o inglês e o português quanto à marcação de gênero.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar alguns pontos emblemáticos da tradução dos capítulos 14 e 23 de *Nossos Corpos Por Nós Mesmas* e comentar a dificuldade de traduzir do inglês para o português usando uma linguagem inclusiva. Para fazer isso, no entanto, é preciso explorar o conceito de gênero olhando para algumas construções morfológicas e sintáticas do PT-Br para entender por que motivo é preciso falar de gênero ao tratar de uma linguagem inclusiva. Ademais, para versar sobre inclusão linguística é necessário revisitar os movimentos feministas que contribuíram para o entendimento de que a libertação das mulheres é por meio da linguagem. De acordo com PIMENTA E FIGUEIRA (2019):

Esses movimentos sociais, [...] provocaram mudanças profundas na sociedade no que tange à forma como entendemos a sexualidade, o gênero, os sujeitos e seus corpos. Consequentemente, a língua e a linguagem não escaparam a essa tendência questionadora. (p.39)

Os movimentos feministas ganharam força, e diversos âmbitos dos Estudos Linguísticos começaram a se interessar sobre o tema, inclusive os Estudos de Tradução. Porém, muitas dúvidas começaram a surgir para as tradutoras nesse novo caminho. Pimenta e Figueira (2019) discorrem sobre o assunto:

O gênero nas línguas naturais está relacionado com o sexo biológico do senso-comum ou com o de determinados movimentos sociais? O que deve ser levado em consideração pelo tradutor em sua tomada de decisão ao traduzir ou verter a classe nominal gênero nas línguas inglesa/portuguesa? ” (p.39)

De fato, existe uma literatura extensa e muito rica sobre o gênero nas línguas naturais, mas há ainda muito o que se discutir sobre tradução inclusiva do inglês para o português. Traduzir em uma linguagem acessível é um trabalho ideológico, então a tradutora possui um papel fundamental nessa busca por uma linguagem, no caso deste trabalho, não sexista.

Portanto, esse trabalho foi pensado e estruturado com o intuito de discorrer sobre as dificuldades de uma tradução feminista e inclusiva do inglês para o português, suas causas e possíveis soluções. Para isso, inicio comentando sobre a importância de se falar de gênero ao discutir linguagem inclusiva e como ocorre a marcação de gênero na Língua Portuguesa. Então,

discurso sobre as Ondas do Feminismo e sua importância para os Estudos Linguísticos, e de que forma os Estudos de Tradução começou a voltar seu olhar para o campo da tradução feminista, para então, examinar como a Língua Inglesa emprega o gênero linguístico, evidenciando suas diferenças com o Português, e a dificuldade que tradutoras enfrentam ao traduzir de uma língua para a outra. E com intuito de mostrar essas diferenças supracitadas, trago trechos do livro *Nossos Corpos Por Nós Mesmas*, na língua alvo e na língua fonte, para ilustrar algumas das saídas que a equipe de tradução e revisão tomou.

1- Por que falar de gênero ao tratar de linguagem inclusiva?

Em primeiro lugar, é preciso entender o conceito de gênero antes de discutir sua importância ao tratar de linguagem. De acordo com Helborn (1994, s.p):

Gênero é um conceito das ciências sociais que, *grosso modo*, se refere à construção social do sexo. Significa dizer que, no jargão da análise sociológica, a palavra sexo designa agora a caracterização anátomo-fisiológica dos seres humanos e, no máximo, a atividade sexual propriamente dita. O conceito de gênero ambiciona, portanto, distinguir entre o fato do dimorfismo sexual da espécie humana e a caracterização de masculino e feminino que acompanham nas culturas a presença de dois sexos na natureza (grifo da autora).

Como gênero é a construção social do sexo, e a sociedade é patriarcal, o homem então exerce um domínio social sobre as mulheres. Segundo o *Manual para uso não sexista da linguagem*, produzido em 2014 pela Secretaria de Políticas Para Mulheres do Estado do Rio Grande do Sul, mesmo estando em pleno século XXI, ainda não existe lugar no mundo onde mulheres e homens recebam tratamento equitativo. Muitos fatores desempenham um papel importante na discriminação contra a mulher, mas a linguagem é “uma das formas mais sutis de transmitir essa discriminação (...) pois esta nada mais é que o reflexo de valores, do pensamento, da sociedade que a cria e utiliza.” (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2014, p.15). Elencados a seguir estão alguns exemplos que corroboram a afirmação acima.

A expressão machista “lugar de mulher é na cozinha”, por exemplo, é usada por homens, em grande maioria, quando há o intuito de diminuir mulheres, afirmando que nós não podemos desempenhar nenhum papel social além do de dona de casa. Há também uma grande

problemática acerca das definições de alguns vocábulos em português. Palavras como “puta e vagabunda”, de acordo com o Dicionário Online de Português, se referem a mulheres, e têm conotação sexual e pejorativa. Ao mesmo tempo, “puto e vagabundo” se referem a homens, e significam, respectivamente, homens que estão muito irritados e homens com desinteresse em atividades laborais. Além da problemática das definições de alguns vocábulos, segundo Caldas-Coulthard (2007), há ainda um dilema quando se pensa em nomes pessoais e formas de tratamento:

“[...]no Brasil, o filho ou neto de José Silva e Maria Souza Silva pode ser chamado de José Silva Filho/Junior ou Neto. A filha de Maria Souza Silva não poderia, no entanto, ser chamada nem de Maria Souza Filha nem de Maria Souza Silva Filha. Por isso, então, a palavra ‘Neta’ após um nome completo feminino é totalmente inaceitável. As denominações ‘filho’ e ‘neto’, desta forma excluem completamente o nome da mãe e da avó. Mulheres, no entanto, não excluem de seus sobrenomes sua ascendência masculina e **é, portanto, muitas vezes difícil descobrir sua ascendência feminina.**” (grifo meu). (p.235)

Isso significa dizer que, além da desvalorização e opressão social que a mulher sofre diariamente, há ainda um apagamento histórico de sua existência e suas raízes sociais, sendo quase impossível rastrear a ancestralidade feminina por meio do nome. Ademais, existe a grande problemática presente nas gramáticas normativas, que prescrevem como variante padrão o masculino, e que trata o feminino como sendo uma “sub-classe”, uma variação do gênero masculino.

Os exemplos acima podem soar inofensivos a muitas pessoas, e a maioria leiga os aponta como sendo naturais e intrínsecos à linguagem. Porém, a verdade é que toda língua é uma construção social. A sociedade ainda vive no patriarcado, então ela é voltada à figura do homem. Segundo a Antropologia, o termo designado para este fenômeno é chamado de Androcentrismo, e de acordo com o Dicionário Online de Língua Portuguesa (2021), essa expressão é popularmente conhecida como sendo uma “Tendência para supervalorizar os pensamentos e ideias masculinas, especialmente as conservadoras, moralistas e machistas, que não levam em conta a busca pela igualdade de direitos das mulheres.” Embora esse ainda seja o cenário atual, segundo *o Manual para uso não sexista da linguagem*, do Rio Grande do Sul, a linguagem é algo que “se aprende e que se ensina, que forma nossa maneira de pensar e de perceber a realidade, o mundo que nos rodeia e o que é mais importante: **pode ser modificada**” (grifo meu). (p.24)

A autoras afirmam que o problema não está na língua em si, e sim no seu mau uso e nas “travas ideológicas”, na resistência em dar um uso correto a ela, em utilizar palavras e expressões inclusivas e não discriminatórias para as mulheres. Então, a questão seria reaprender a usar a língua de forma mais inclusiva, aprendendo sobre seu funcionamento enquanto a marcação gênero.

A língua Portuguesa, bem como as outras Línguas Neolatinas, é complexa quando se trata de marcação de gênero. De acordo com Corbett (1991, p. 1 apud CARVALHO 2018) esta categoria “é a mais enigmática das categorias gramaticais”. Mesmo existindo apenas dois gêneros prescritos pela norma: feminino e masculino, e não havendo gênero neutro, como em línguas Anglo-Saxãs, ainda há bastante confusão acerca deste tópico.

Como afirma Carvalho (2018), a atribuição de gênero no português funciona em duas dimensões: arbitrariamente, como no vocábulo “manhã”, que é feminino e não há nenhuma motivação para tal; e de forma motivada, onde os significados naturais e semânticos determinam o gênero. O linguista cita o exemplo do substantivo “pai”, que é motivadamente masculino por se referir a uma figura socialmente masculina, a figura paterna. Ademais, a atribuição de gênero acontece em substantivos animados e inanimados e em inúmeras categorias gramaticais:

[...] que incluem artigos definidos e indefinidos (o, a, os, as, um, uma, uns, umas), adjetivos (bonito, bonita), quantificadores e outros pronomes indefinidos (todo, toda), pronomes possessivos, demonstrativos e interrogativos (seu, sua, este, esta, quanto, quanta), os dois primeiros números cardinais e todos os ordinais (um, uma, dois, duas, trigésimo, trigésima), e semi-predicados (sozinho, sozinha, mesmo, mesma). (CARVALHO 2018, p. 638)

De acordo Gonçalves (2019), Câmara Jr (1970) propõe uma nova descrição: a existência de um masculino - morfema 0 (não marcado) em oposição a um feminino em -a (marcado). Esse contraste seria algo como a oposição entre singular e plural. Gonçalves (2019, p.61) explica que:

O principal argumento de que Mattoso se vale na defesa do morfema 0 masculino é que não deve se considerar -o como uma desinência, pois o raciocínio levaria o *e* a ser igualmente interpretado como tal, em casos como ‘mestre’, ‘monje’ e ‘infante’, que se opõe a ‘mestra’, ‘monja’ e ‘infanta’- isso sem contar os diversos pares em que o *a* de feminino já contrasta com sua ausência (‘juiz’/ ‘juiza’ ‘cantor’/‘cantora’ ‘peru’ ‘perua’). Então [...] a vogal final das formas

masculinas é interpretada como temática [...] tendo -o de ‘primo’ e o -e de ‘monge’ o mesmo estatuto morfológico. (p.61)

Além disso, tratando-se da marcação de gênero lexical e semântica, Carvalho (2019) discute que:

[...] gênero é associado à animacidade. A distribuição de gênero quanto à animacidade pode ser feita de três formas: (i) lexicalmente, como pode ser observado nos pares homem/mulher, boi/vaca, cachorro/cadela, cabra/bode etc.; [...] (iii) sintaticamente, com a marca de gênero expressa apenas no determinante que acompanha o nome, como em o/a estudante. (p.639)

A partir das afirmações acima, se entende que todos os substantivos do português possuem alguma marcação de gênero, seja ela a nível morfológico, lexical ou sintático. Ademais, mesmo com a postulação de Câmara Jr (1970) de que o -o não seria uma marcação de gênero e sim vogal temática, a forma masculina ainda continua sendo a não marcada, fazendo oposição com forma marcada feminina -a. Dessa forma, “o masculino é uma forma geral, não marcada, enquanto o feminino indica uma **especialização qualquer**” (p.88). (grifo meu). Ainda, em consonância com a afirmação de Câmara Jr (1970), Gonçalves (2019) ao discorrer sobre o assunto, afirma que o termo ‘alunas’ engloba apenas as mulheres em uma sala de aula, excluindo a parcela masculina, enquanto o termo ‘alunos’ abrange ambos os sexos, como também discutem Collischonn e Schwindt (2015):

Num sistema de dois gêneros, como o do Português, em geral, um dos gêneros é não marcado. Isto significa que é usado como forma coringa [...] O masculino é também usado com termo genérico que engloba dois gêneros. “Todo” inclui homens e mulheres; “toda” inclui só mulheres. Em muitas línguas, o gênero não marcado é o gênero masculino, e isso não significa uma relação de poder do homem sobre a mulher. (p.9)

Assim, entende-se que, com base nos gramáticos e linguistas citados acima, não há problema algum em se usar a forma masculina genérica no português, pois se entende que, na verdade, esta é uma forma neutra. No entanto, chega a ser ofensiva às mulheres a afirmação feita por Câmara Jr (1970) dizendo que a marcação feminina seria uma “especialização qualquer”. Como mencionado em sessões anteriores, a libertação da mulher se dá por meio da linguagem, e se mulheres continuarem sendo excluídas e, por conseguinte, oprimidas pela forma que a sociedade usa a língua, não há libertação alguma.

Continuar usando o masculino para se referir ao sexo feminino é suprimir a identidade feminina no discurso. Coady (2018) discorre sobre a problemática das regras de concordância do francês, tomando como base a frase “un homme et cinq milliards de femmes sont morts”. Embora o exemplo não seja em português, ele é totalmente aplicável devido à similaridade das regras de concordâncias em ambas as línguas, e em português a frase soaria exatamente igual ao francês: “Um homem e cinco bilhões de mulheres são mortos”. A autora aponta que mesmo quando o número de mulheres mencionadas no discurso supera o de homens, e nesse caso supera em 499 milhões, o particípio passado usado é ‘morts’, a flexão no masculino, fazendo concordância com ‘homme’, assim como em português, que se usaria ‘mortos’. Esse exemplo, segundo Coady (2018), serve para “ilustrar que estruturas linguísticas sexistas, tais quais as do masculino genérico não-marcado, ainda são um grande problema em línguas que possuem gênero gramatical” (p.272).

No entanto, em línguas que não possuem gênero gramatical tão complexo e marcado como, o inglês, por exemplo, os problemas com relação à linguagem inclusiva não acontecem a nível morfológico, e a nível sintático acontece bem menos.

No inglês, a maneira prescrita na gramática normativa para se fazer generalização no singular é o uso do pronome pessoal ‘he’, tido como forma não marcada. Inúmeros estudos ao longo dos anos criticaram a forma como é feita esta generalização.

Uma pesquisa conhecida sobre o tema é de autoria de Cole, Hill, and Dayley (1983). De acordo com Gastil (1990), os achados sustentam a ideia de que o genérico ‘he’ evoca no imaginário das pessoas as mesmas imagens que ‘she’ e ‘they’. Ou seja, é discutido que, isoladamente, o genérico ‘he’ não personifica no imaginário das pessoas a figura masculina. Porém, ainda segundo Gastil (1990, p. 630), “o uso do he como forma genérica não marcada é fruto da visão de mundo androcêntrica que os gramáticos do século XVIII tinham: seres humanos serão considerados homens, até que se prove o contrário (apud, BODINE, 1975, p.133). Estudando o assunto e encontrando problemas na metodologia dos estudos de Cole et alii (1983), o autor conduziu uma pesquisa que refuta os achados de Cole, Hill and Dayley (1983). A partir de suas descobertas, o autor afirma que ‘he’ evoca sim, majoritariamente, imagens masculinas no imaginário das pessoas, sendo então incoerente o uso do pronome ‘he’ como a forma não-marcada de gênero, pois, como comprovou o linguista, a imagem evocada é a masculina. Então, ao usar o genérico ‘he’ para se referir ao sexo masculino e feminino ao mesmo tempo, ocorre um apagamento das mulheres no discurso.

No entanto, por mais problemática que a questão do uso do genérico 'he' seja, a Língua Inglesa ainda é mais inclusiva do que a Portuguesa, pois de acordo com Leech; Svartvik (1992, p. 230), conforme citados por Pimenta e Figueredo, (2019, p.47) a "atribuição e marcação de gênero é relativamente simples: o gênero em inglês aplica-se somente pronomes específicos, em que as categorias masculino/feminino e animado/inanimado podem ser aplicadas".

Em Inglês, de acordo com *Longman Student Grammar of Spoken and Written English*, (2002) "gênero não é uma categoria gramatical importante. Diferentemente de muitas línguas Europeias. Determinantes e substantivos no Inglês não possuem flexão de gênero" (p. 85). Ainda de acordo com a gramática, há apenas quatro grandes formas de fazer contraste entre feminino e masculino, sendo elas:

- 1) usando substantivos totalmente diferentes: aunt / uncle.
- 2) usando a derivação com sufixos -er/or/, -ess: waiter/ waitress
- 3) usando modificadores: female officer/ male officer.
- 4) usando substantivos como sufixos: saleswoman/ salesman.

Além disso, a Língua Inglesa tem alguns pronomes pessoais que são neutros, como por exemplo *somebody, nobody, anybody, everybody, everyone, they* e *you*. Ainda de acordo com Longman, "quando há necessidade de se referir a ambos os sexos, a escolha tradicional favorece o uso do masculino, mas há como evitar isso" (tradução minha) (p. 87). As opções que a gramática dá para evitar o uso do masculino como genérico é o uso do pronome 'they' no singular, como no exemplo a seguir:

"**Nobody** likes to admit that **they** entertain very little or that **they** rarely enjoy it when **they** do" (grifos da autora e dos autores).

Ademais, o Inglês possui vocábulos neutros como "parents, artist, dentist, doctor, worker", o que se torna uma dificuldade ao traduzir do ING para o PT. Se não houver gênero definido, fica a cargo da tradutora escolher qual gênero utilizar, o que pode ser uma tarefa muito desafiadora.

Assim, tendo em vista as diferentes formas o português e o inglês lidam com a questão do gênero, e também os aspectos linguísticos que promovem e sustentam a discriminação contra mulheres, é importantíssimo voltar o olhar para os Estudos de Gênero no âmbito Linguístico, e

para os movimentos feministas que inspiraram diversas linguistas a voltarem seus olhares para esse campo de estudo, como afirmam Lima e Pimentel (2020):

[...] a segunda onda do movimento feminista entendeu que as convenções sexistas estavam ancoradas nas formas e nos usos da linguagem, o que ilustra bem o famoso slogan dos anos 70 – “La libération des femmes passe par le langage” (A liberação das mulheres passa pela linguagem) (s.p).

A luta pelos direitos das mulheres existe há muitos anos, antes das Ondas Feministas acontecerem, mas foi a partir delas que se deu início aos estudos sobre Feminismos e Linguagem. Então, é interessante revisitar a trajetória dessas lutas e das diferentes conquistas que mulheres ao longo dos anos tiveram, para que hoje fosse possível falar gênero ao tratar de linguagem.

2 – As lutas feministas e os Estudos Linguísticos

A luta pelos direitos das mulheres existe há muito tempo, desde 1792 com a publicação de *A Vindication of the Rights of Woman* de Mary Wollstonecraft. Porém, foi no final do século XIX que muitas mulheres finalmente apareceram na cena pública de inúmeros países reivindicando a igualdade de direitos entre homens e mulheres, incluindo o direito ao voto, o então chamado de movimento sufragista. Tal movimento ocorreu durante a Primeira Onda Feminista. No entanto, por mais benéfico que tenha sido para diversas mulheres, é importante ressaltar que foi uma luta classista, liderada por mulheres brancas de classe média e classe alta, e que não englobava mulheres negras e mulheres pertencentes à classe operária.

Em alguns estados norte-americanos, graças à Primeira Onda, mulheres conquistaram o direito de votar, mas muitos outros direitos não haviam ainda sido conquistados, e houve então uma Segunda Onda Feminista, que aconteceu durante as décadas de 1970 e 1980 com pautas diversas, tais quais papel da mulher na sociedade.

Nessa nova onda foram abordados temas como a valorização do trabalho doméstico, luta antirracista, licença maternidade, creches e educação e assuntos relacionados à sexualidade e saúde sexual da mulher, como lesbianismo, direitos reprodutivos, estupro, assédio, entre outros. Além de se voltar para reivindicações políticas e sociais, foi problematizado também o

conceito de gênero, e começaram a ser debatidas questões especialmente teóricas. No entanto, em 1975, a linguista estadunidense Robin Lakoff publicou o livro “*Language and Woman 's place*” que é considerado um marco na história dos estudos sobre linguagem e feminismos. Nesse livro ela relata suas observações a respeito da linguagem e como ela influencia na constituição do gênero. A autora também destaca o papel social da linguagem, estabelecendo que, ao longo do desenvolvimento, as linguagens masculinas e femininas vão diferenciar-se comumente, posicionando as mulheres em um local de passividade e futilidade em relação à linguagem masculina” (MEIRELLES, 2010, p 584). Este trabalho é considerado um marco pois, como argumentam Vallada e Pinto (2021), Robin Lakoff

(...) inaugurou a possibilidade de se estudar as práticas linguísticas das mulheres com a mesma importância com que se estudavam as práticas linguísticas de outros grupos sociais. Mas também foi um pouco além, ao politizar seus estudos e legitimar os incômodos da linguagem como pauta feminista. Ainda que sua filiação inicial fosse com a sociolinguística, desde então vêm-se desenvolvendo, em vários campos da linguística, pesquisas que entendem questões de gênero como centrais para lidar com questões de linguagem, e vice-versa. (p.1)

Dessa forma, graças ao trabalho iniciado por Lakoff (1975), os Estudos de Linguagem são um dos focos da luta feminista, tendo em vista que é por meio da linguagem que conceitos e determinados valores e construções sociais vão se moldando e se transformando. Assim, de acordo com Castro (2013), está em ascensão uma nova área sub-disciplinar denominada “Linguística Feminista e tem como foco a pesquisa e o ativismo político que visa promover e emancipar mulheres das desigualdades sociais e de gênero, a partir de mudanças na linguagem” (CASTRO, 2013, p.36). Desde então a questão de gênero vem sendo trabalhada frequentemente na linguística, em diversos campos, tais como a sociolinguística, bem como nos Estudos de Tradução.

3 - Estudos Feministas de Tradução

O que conhecemos hoje como estudos feministas de tradução se estabeleceu no Quebec, Canadá, no final da década de 70, em um colóquio interdisciplinar sobre Estudos de Gênero e Estudos de Tradução. De acordo com Castro e Ergun (2017, p.15), “esse encontro foi fundamental para redefinir o conceito de feminilidade na linguagem e desconstruir o hegemônico discurso centrado nos homens por meio de uma consciente manipulação da linguagem”. Esse campo tem um papel valioso na luta da emancipação feminina e na erradicação da desigualdade entre homens e mulheres, pois a “tradução é um ato ideológico de mediação intercultural” (CASTRO 2013 p. 38). De acordo com a autora:

Nos dias de hoje a tradução contribui significativamente para a configuração de nossa identidade e nossos papéis sociais. Além disso, ela também contribui para a maneira que homens e mulheres constroem suas identidades, percebem a si mesmos e aos outros. Muitas abordagens teóricas enfatizam especialmente o potencial que a tradução tem como uma ferramenta de ação política e ativismo social. (CASTRO 2013, p.38).

De fato, os estudos feministas de tradução proporcionaram e ainda proporcionam uma mudança social, e também acadêmica, no modo em que gênero e tradução eram e são percebidos e trabalhados. Inclusive, promover mudança social por meio da linguagem é uma das premissas do trabalho de tradução da equipe de *Nossos Corpos Por Nós Mesmas*.

Assim, olhando para esse campo de forma mais prática, de acordo com Castro e Ergun (2017), a “Tradução Feminista dá ênfase e vê a tradutora como uma agente que, de forma criativa, precisa fazer negociações entre a língua fonte e alvo” (p.139). Porém, fazer uma tradução inclusiva e acessível nem sempre é uma tarefa fácil para a tradutora, pois, em primeiro lugar, de acordo com Castro (2017), “usar de estratégias linguísticas para o uso não sexista da linguagem em traduções pode, inteiramente (ou em partes), depender da(s) ideologia(s) de gênero que o texto fonte comunica, ou então da interpretação da tradutora sobre o propósito do texto alvo.” (p.38). Isso significa que a tradutora, na maioria das vezes, possui autonomia para traduzir o texto da forma que ela considera que deva ser traduzido. Essa liberdade é algo extremamente positivo por um lado, mas por outro, há ainda algumas dificuldades que surgem

ao traduzir do inglês para o português (e para a maioria das línguas neolatinas). Em primeiro lugar, a maior dificuldade se dá pela forma que ambas as línguas abordam a questão de gênero.

4 - Desafios da tradução de Nossos Corpos por Nós Mesmas

A tradução de *Our Bodies, Ourselves* para *Nossos Corpos Por Nós Mesmas* foi motivada pela falta de um material em português que tivesse como objetivo levar informação para toda a diversidade de mulheres brasileiras do século XXI, garantindo o acesso descomplicado e sem juízo de valor acerca de seus corpos e sexualidade. Esta é a primeira tradução para a língua portuguesa, e conta com quase 1000 páginas, falando sobre assuntos que vão desde autoimagem até aborto. De acordo com LIMA E PIMENTEL, (2020):

[...] a escolha do livro é uma decisão política e ideológica – queremos trazer textos feministas para o nosso contexto assim como as estratégias adotadas na tradução também são marcadamente não sexistas, feministas e inclusivas. (...). Aderimos a essas práticas por acreditarmos que representam muito mais do que, simplesmente, alterar as estruturas linguísticas superficiais ou banir certos usos linguísticos. Elas procuram oferecer ideias críticas sobre a forma como as relações de gênero são conceitualizadas e, se possível, criar alternativas. (s.p)

Por esse motivo que as observações feitas nas seções acima são muito importantes para o processo tradutório, pois elas evidenciam problemas que surgem ao traduzir especificamente do inglês para o português. Como a língua fonte possui um sistema diferente de fazer marcação de gênero, um sistema mais inclusivo do que o Português, muitos problemas surgem ao propor uma tradução não sexista. Em seu trabalho, Castro (2019, p. 38 e 39) afirma que a tradução é um ato ideológico de mediação intercultural, sendo ideologia “um conjunto de valores e crenças compartilhados por uma comunidade específica, que molda a maneira que cada indivíduo, e cada tradutora, entende o mundo”, e que “usar estratégias linguísticas para o empregar uma linguagem não sexista nas traduções pode inteira, ou parcialmente, depender do que a tradutora entende como sendo as ideologias de gênero que o texto comunica ou do escopo do texto fonte. Isso significa dizer, de acordo com Castro (2013), que a linguagem inclusiva só pode ser usada quando a linguagem em questão já traz em si uma potência de linguagem inclusiva.

Sendo assim, *Our Bodies, Ourselves* é uma manifestação feminista de anseios e dúvidas de mulheres sobre assuntos pertencentes ao escopo de saúde e sexualidade feminina. Ele foi feito por mulheres para mulheres, e por isso, a tradução feminista e inclusiva se justifica e se faz presente em *Nossos Corpos Por Nós Mesmas*.

O capítulo 23 de *Nossos Corpos Por Nós Mesmas*, “Entendendo o Sistema de Saúde Norte Americano”, o qual participei da tradução, se dedica a explicar de maneira didática o funcionamento do sistema de saúde dos Estados Unidos, oferecendo a mulheres norte-americanas conhecimento acerca de temas que, por vezes, são considerados tabus. Uma das muitas dificuldades encontradas ao traduzir esse capítulo para o português foi exatamente o que Pimenta e Figueira (2019) afirmam na passagem citada acima. Como este é um capítulo sobre área da saúde, é evidente que os termos nurse e doctor apareçam com certa frequência. No entanto, no Inglês, essas palavras são livres de marcação de gênero. Já no Português, o que ocorre é o oposto. Além de enfermeira/ enfermeiro/ médica e médico possuírem marcação de gênero, é sabido que Enfermagem é uma profissão estereotipadamente feminina, enquanto Medicina é estereotipadamente masculina.

Texto Fonte	Texto Traduzido/ Adaptado
<p><i>“I went to the doctor because I was having an awful, burning pain during sex.</i></p>	<p><i>“Procurei atendimento médico pois sentia uma ardência horrível durante o sexo. ”</i></p>

Nos exemplos acima, o texto fonte usa o sintagma nominal doctor. Se esta fosse uma tradução desatenta e sem cunho inclusivo, a primeira opção para a tradução seria ‘Procurei um médico...’, pois, em primeiro lugar, o Português usa o masculino como forma genérica. Ou seja, no texto não fica claro até então se doctor se refere a uma mulher ou um homem, então na Língua Portuguesa, o padrão quando isso ocorre é usar o substantivo no masculino. Além disso, como afirmam Pimenta e Figueira (2019) algumas profissões são estereotipadas como masculina e doctor é uma delas. A imagem que essa palavra evoca no imaginário das pessoas é que se está falando de um homem. Dessa forma, para evitar o sexismo linguístico e a

perpetuação do masculino genérico, a proposta foi usar ‘atendimento médico’, que funciona de forma perfeita e não privilegia um gênero a outro.

Ainda sobre a palavra doctor, uma solução interessante adotada quando o gênero da pessoa não é mencionado, foi o uso de hiperônimos, como nos exemplos a seguir.

Texto Fonte	Tradução/ Adaptação
<p><i>“While there is much they can provide, doctors and other health care providers may be constrained by such factors as:”</i></p>	<p><i>“Embora tenham muito a oferecer, pessoas profissionais de saúde podem ser coagidas por fatores como:”</i></p>
<p><i>“a gap in prescription drug coverage that requires seniors to spend a considerable amount out of pocket”</i></p>	<p><i>“Antes do Medicare, era exigido que pessoas idosas gastassem uma quantia considerável do próprio bolso. ”</i></p>
<p><i>“Discussing medical problems with a health care provider can be enormously satisfying or frustrating, or somewhere in between”</i></p>	<p><i>“Discutir problemas de saúde com profissionais da área médica pode ser extremamente satisfatório, frustrante, ou em algum lugar no meio disso”</i></p>

Além dos hiperônimos, a equipe de *Nossos Corpos Por Nós Mesmas* optou por fazer concordância de gênero no feminino quando o texto não traz marcação de gênero, dando preferência a mulheres, tendo em vista que este é um projeto voltado para mulheres. Portanto, não faria sentido, ideologicamente, usar o masculino em casos sem marcação de gênero, como mostram os exemplos a seguir:

Texto Fonte	Tradução/ Adaptação
<p><i>“We talk about the social pressures put upon us and the judgments we encounter, and how relaxing it is to be in a relationship with someone who shares the position of not wanting to have children.”</i></p>	<p><i>“Nós conversamos sobre as pressões sociais que sofremos, sobre os julgamentos que enfrentamos e de como é bom estar em uma relação com alguém que partilha da mesma vontade de não querer filhas. ”</i></p>
<p><i>“Get to know your friends’ kids or your nieces, nephews, and cousins. ”</i></p>	<p><i>“Conheça as filhas de suas amigas ou as suas sobrinhas, sobrinhos e primas. ”</i></p>
<p><i>“If you feel distressed or damaged by events when you were younger, you may wonder if you will be able to nurture a child”</i></p>	<p><i>“Se você se sente angustiada ou machucada por coisas que aconteceram a você quando mais nova, você pode se perguntar se será capaz de cuidar de uma criança”</i></p>
<p><i>“Once my husband and I had been married a few years, there were constant questions about when we would start a family—particularly from our parents, whose friends were all grandparents. ”</i></p>	<p><i>“Quando eu e meu marido já tínhamos alguns anos de casados, constantemente éramos perguntados sobre quando começaríamos uma família, a pressão vinha principalmente de nossas mães, cujas amigas eram todas avós. ”</i></p>
<p><i>“If possible, it’s good to meet with your health care provider or a maternity care provider before you begin trying to get pregnant”</i></p>	<p><i>“Se possível, é bom se consultar com sua médica antes de começar a tentar engravidar. ”</i></p>

Todos os exemplos supracitados foram retirados do capítulo 14, que tive a oportunidade de traduzir, e que em inglês se chama “Considering Parenting”, e a tradução para o português ficou como “Desejando (ou não) a maternidade”. A opção de usar o feminino para fazer

generalizações na Língua Portuguesa, além de ser uma escolha ideológica, foi também a escolha mais apropriada que a equipe de tradução encontrou. Como discutido em sessões anteriores, o uso do masculino genérico exclui mulheres do discurso. A versão em português deste livro está sendo feita majoritariamente por mulheres, para mulheres, e tem como intuito levar informação à população feminina. Dessa forma, referir-se a homens, usando o masculino genérico, não faria sentido para o propósito ideológico do livro.

Outro motivo para a adoção da forma genérica feminina, e não outras formas de neutralização, foi porque no português brasileiro opções para a neutralização dos gêneros gramaticais ainda não são tão consistentes. Existe algo chamado fonotática, “que governa a organização dos sons na língua [...] e a aquisição de escrita [...], e em parte, depende do conhecimento internalizado sobre a organização dos sons da língua na fala.” (SANTOS, 2019, p.169). E por causa da organização dos sons na Língua Portuguesa, é difícil aceitar algumas opções de neutralizações que estão em alta nos dias de hoje. Segundo a autora, o padrão silábico no português funciona de tal maneira:

[...] a sílaba é constituída, pelo menos, por uma vogal, como a primeira sílaba de ‘á- g u a’, não sendo possível uma sílaba sem vogal. O preenchimento das posições periféricas é opcional e pode seguir as seguintes configurações: uma ou duas consoantes pré-vocálicas (como a primeira e a segunda sílaba de ‘li-vro’); uma ou duas consoantes pós-vocálicas, como a primeira e a segunda sílabas de ‘trans-por-te’. Sílabas com consoante na posição final (a coda silábica) são chamadas sílabas travadas, enquanto as terminadas em vogal são sílabas livres. (grifos da autora) (p.170)

Ou seja, as opções hoje em voga não são passíveis de serem usadas pois não respeitam o padrão fonotático do português. Por isso a equipe de tradução de *Nossos Corpos Por Nós Mesmas*, optou por usar o feminino para fazer generalizações. Ainda, de acordo com Pimenta e Figueira (2019, p. 50):

Argumenta-se pelo uso de um caractere (-@) ou de uma letra (-x) para substituir a marcação de gênero. Por exemplo: tod@s/todxs, el@/elx, etc. Além das questões gramaticais que essas possibilidades suscitam, temos uma questão muito mais prática em jogo: ambas as estruturas não possuem valor fonológico, ou seja, não são passíveis de serem pronunciadas.

Além disso, uma das premissas do projeto OBOS é difundir informação de qualidade para a população feminina do Brasil. Caso usássemos os caracteres ‘@ e x’, além de dificultar

a pronúncia dos vocábulos, como discutido na citação acima, seria mais difícil atingir o grande público, a população em massa, pois esta não está familiarizada com tais construções morfológicas.

Além das questões previamente discutidas, uma dificuldade de tradução encontrada no capítulo 14 foi o próprio título “Considering Parenting”. Em primeiro lugar, não existem substantivos neutros em português, e parenting é uma palavra sem marcação de gênero. Então, ao traduzi-la seria necessário excluir alguma pessoa do discurso, e o que mais fez sentido, tratando-se da proposta ideológica do livro, foi usar o termo maternidade e não paternidade, que é como normalmente parenting é traduzido.

Ainda sobre este capítulo, gostaria de pontuar que ele foi particularmente desafiador em termos de tradução. Por ser um capítulo com muitos relatos pessoais de mulheres que se debruçaram sobre suas próprias experiências e pensamentos, o uso de vocábulos que faziam referência a seres sexuados era muito maior do que no capítulo 23, por exemplo, que possuía um vocabulário mais técnico. Quanto maior o uso de palavras que fazem referência a seres sexuados, mais desafiadora se torna a tradução. Isso ocorre porque seres sexuados possuem, necessariamente, marcação de gênero nas línguas, e como português e inglês e se comportam de formas diferentes com relação a gênero, é preciso fazer escolhas e encontrar saídas para que haja uma linguagem inclusiva e não sexista. Por ter havido esta dificuldade, houve trechos de traduções que fiz que acredito que poderiam ter sido feitas de maneira diferente e mais concisa. Elencados abaixo estão alguns exemplos:

Texto Fonte	Tradução/ Adaptação	Nova Opção
<p><i>“Many women who try to have a baby in their mid-and late thirties or early forties have no problem getting pregnant.”</i></p>	<p><i>“Muitas mulheres que tentam ter um bebê em seus trinta, trinta e poucos anos ou no início dos quarenta, não têm nenhum problema para engravidar.”</i></p>	<p><i>“Muitas mulheres que tentam ser mães em seus trinta, trinta e poucos anos, ou no início dos quarenta, não têm nenhum problema para engravidar”</i></p>

Nos exemplos acima, o texto fonte usa o sintagma nominal ‘a baby’ enquanto a tradução foi ‘um bebê’. O masculino genérico está tão enraizado que às vezes não nos damos conta que um sintagma é masculino. Acredito que essa confusão tenha acontecido pois não há a vogal –o, que é usada para marcar a maioria dos masculinos nas palavras em português. No entanto, é possível fazer uma tradução sem privilegiar um gênero a outro, como na nova versão, que ao invés de usar ‘ter um bebê’ foi usado ‘ser mães’.

Conclusão

Por fim, pode-se concluir que falar sobre sexismo linguístico é extremamente importante, e não é apenas o começo de uma mudança social, pois como diz Cameron (1990, p.90), é a mudança social em si. O objetivo deste trabalho foi apresentar alguns pontos emblemáticos da tradução dos capítulos 14 e 23 de *Nossos Corpos Por Nós Mesmas*, para discutir sobre a dificuldade de traduzir do inglês para o português usando uma linguagem feminista e inclusiva, assim como mostrar as soluções que a equipe de tradução OBOS Brasil encontrou para os desafios que surgiram.

Para fazer isso, no entanto, foi preciso explorar o conceito de gênero olhando para algumas construções morfológicas e sintáticas do PT-Br e do inglês, assim como revisar trabalhos já existentes que serviram de base para este, principalmente os de Pimenta e Figueredo (2019), que aborda questões de gênero, no português e no inglês, que tendem a influenciar a atividade tradutória, e o de Castro (2013), que discorre sobre a ligação entre feminismo e os Estudos de Tradução.

Ademais, para versar sobre inclusão linguística e tradução foi necessário revisar as Ondas Feministas, que muito contribuíram para a conquista de muitos direitos das mulheres ao redor do mundo. Esses movimentos foram extremamente importantes, e impactaram diversos âmbitos dos Estudos Linguísticos. Em especial, uma das consequências foram os Estudos de Tradução terem voltado seu olhar para o tema, nascendo então uma nova subárea na Tradução: os Estudos Feministas de Tradução.

E foi sob essa perspectiva e ideologia que o livro *Our Bodies Ourselves* foi traduzido para *Nossos Corpos Por Nós Mesmas*. Um livro feminista com intuito de difundir, de forma

acessível, informação de qualidade sobre saúde da mulher. No entanto, houve desafios que, enquanto tradutora, me deparei ao longo do processo. Traduzir em uma linguagem feminista e inclusiva, em que a língua fonte é o inglês e a língua alvo português, não foi uma tarefa simples. Isso ocorreu pois na Língua Inglesa quase não há marcação de gênero, algo que na Língua Portuguesa ocorre em todos os substantivos, e ainda em português, para generalizar, é usado o masculino, em detrimento do feminino. Portanto, foi necessário fazer escolhas para que o texto alvo possuísse uma linguagem acessível e inclusiva.

Concluo que a atividade tradutória é satisfatória, e não apenas pelo fato de, enquanto tradutoras, sermos mediadoras de diferentes culturas e diferentes vozes, mas também por poder fazer parte de projetos como o OBOS Brasil, que tem como intuito ajudar mulheres por meio da informação. Acredito que um mecanismo central na luta pela emancipação feminina é a existência de trabalhos feitos por mulheres e para mulheres, que buscam preservar e lutar para que nossos direitos sejam mantidos e muitos outros conquistados, entendendo que a busca por essa emancipação perpassa pelo uso da linguagem. Como afirma a Secretaria de Políticas Para Mulheres do Rio Grande do Sul (2014), o maior problema figura em como se usa a língua, e não na língua em si. Por isso, trabalhos como a tradução inclusiva e feminista de *Nossos Corpos Por Nós Mesmas* são tão importantes: por propor usos mais inclusivos e não sexistas da Língua Portuguesa, por provar que é possível incluir mulheres no discurso, e por essa ideologia romper a barreira acadêmica e chegar à sociedade, em forma de livro.

Referências Bibliográficas

ANDROCENTRISMO. *In*: DICIO. **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/androcenrismo/>>. Acesso em: 02 set. 2021.

BARBOSA, Beatriz Regina Guimarães. [Sem título]. Resenha da obra de: CASTRO, Olga; ERGUN, Emek. *Feminist Translation Studies – Local and Transnational Perspectives*. New York: Routledge, 2017. **Cadernos de Tradução**, v. 38, n. 2, 2018, ISSN 2175-7968, p. 383-391. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n2p383>>. Acesso em: 10 out.2021

BOSTON WOMEN’S HEALTH BOOK COLLECTIVE; NORSIGIAN, Judy. **Our Bodies, Ourselves**. New York: Simon & Schuster, 2011.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Caro Colega: exclusão lingüística e invisibilidade. *In*: VAN DIJK. Teun A. **Discurso & Sociedad**, v. 1, n. 2, 2007, ISSN 1887-4606, p. 230-246. Disponível em: <[http://www.dissoc.org/ediciones/v01n02/DS1\(2\)Caldas-Coulthard.pdf](http://www.dissoc.org/ediciones/v01n02/DS1(2)Caldas-Coulthard.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2021.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CAMERON, Deborah. **Feminism and Linguistic Theory**. New York: Palgrave Macmillan, 1992.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense S.A., 1986.

CARVALHO, Daniel. O traço de gênero na morfossintaxe do português. **Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica Aplicada**. São Paulo, v. 34, n. 2, 2018, ISSN 1678-460X, p. 635-660. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502018000200635&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 ago. 2021.

CASTRO, Olga. Talking at cross-purposes? The missing link between feminist linguistics and translation studies. **Gender and Language**, v. 7, n. 1, 2013, ISSN 1747-633X, p. 35-58. Disponível em: <<https://journal.equinoxpub.com/GL/issue/view/1204>>. Acesso em: 10 out.2021

COADY, Ann. The origin of sexism in language. **Gender and Language**, v.12, n. 3, 2018, ISSN 1747-633X, p. 271-293. Disponível em: <<https://journal.equinoxpub.com/GL/article/view/11340>>. Acesso em: 02 set. 2021.

COLE, C. Maureen.; HILL, Frances A.; DAYLEY, Leland J. Do masculine pronouns used generically lead to thoughts of men? **Sex Roles**, v. 9, n. 6, 1983, DOI <https://doi.org/10.1007/BF00289802>, p. 737-750. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/BF00289802>>. Acesso em: 02 set. 2021.

COLLISCHONN, Gisela; SCHWINDT, Luiz Carlos. **Por que a distinção entre gênero social e gramatical na língua portuguesa é necessária ao idioma**. Porto Alegre, 12 dez. 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/12/por-que-a->

distincao-entre-genero-social-e-gramatical-na-lingua-portuguesa-e-necessaria-ao-idioma-4928930.html>. Acesso em: 30 ago. 2021.

CONRAD, Susan; BIBER, Douglas; LEECH, Geoffrey. **Longman Student Grammar of Spoken and Written English Workbook**. Essex: Pearson Education Limited, 2002, 140 p.

DE BEUVOIR, Simone. **The Second Sex**. Tradução: Howard Madison Parshley. New York: Vintage Books, 1989.

DEMBROFF, Robin; WODAK, Daniel. He/She/They/Ze. **Ergo - An Open Access Journal of Philosophy**, v. 5, n. 14, 2018, 2018, ISSN 2330-4014, p. p. 371-406. Disponível em: <<https://philpapers.org/archive/DEMH-3.pdf>>. Acesso em: 30 ag. 2021.

DOS SANTOS, Ana Lucia Pessoto. Língua para todes: um olhar formal sobre a expressão do gênero gramatical no Português e a demanda pela língua(gem) inclusiva. **Revista Artemis**, v. 28, n. 1, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2019v28n1.41827, p. 160–178. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/41827>. Acesso em: 25 out. 2021.

GASTIL, John. Generic pronouns and sexist language: the oxymoronic character of masculine generics. **Sex Roles**, v. 23, 1990, DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00289252>, p. 629-643. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007%2FBF00289252#citeas>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Morfologia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

HEILBORN, Maria Luiza. De que gênero estamos falando? **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1994, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/de%20que%20genero%20estamos%20falando.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

KAROUBI, Behrouz. Gender and Translation. In: ZAINURRAHMAN (Ed.). **The Theories of Translation: From History to Procedures**. 2009, p. 65-75. Disponível em: <https://www.academia.edu/6271538/The_Theories_of_Translation_From_History_to_Procedures>. Acesso em: 30 ago. 2021. *E-book*.

LAKOFF, Robin. **Language and Woman's Place**. New York: Harper and Row, 1975.

LIMA, Érica; PIMENTEL, Janine. Nossos corpos, por nós mesmas: viagens do feminismo e a busca por uma linguagem inclusiva na tradução. In: SILVA-REIS, Dennys; MARTINS, Vinicius (ed.) **Estudos da Tradução & Questões LGBTQI+**. Salvador: Editora Devires, 2021. No prelo.

PIMENTA, Ticiano; FIGUEIREDO, Maria Flavia. Masculino, feminino ou neutro? A prática tradutória e as questões de gênero. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 18, n. 1, 2019, ISSN: 2237-0951X, p. 37-55. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/25016/24387>>. Acesso em: 02 set. 2021.

PUTA. In: DICIO. **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/puta/>>. Acesso em: 02 set. 2021.

PUTO. *In*: DICIO. **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/puto/>>. Acesso em: 02 set. 2021.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Secretaria de Políticas para Mulheres. **Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem e entende**. Rio Grande do Sul: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2014.

VAGABUNDA. *In*: DICIO. **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/vagabunda/>>. Acesso em: 02 set. 2021.

VAGABUNDO. *In*: DICIO. **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/vagabundo/>>. Acesso em: 02 set. 2021.

VALLADA, Amanda Diniz; PINTO, Joana Plaza. Cinco décadas de linguística feminista: índices de consolidação do campo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, 2021, ISSN 1806-9584, [16] p. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/64988/46639>>. Acesso em: 02 set. 2021.

WAQUIL, Marina Leivas. Tradução feminista e o poder de tirar vozes do confinamento. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 10, n. 3, 2021, ISSN 2316-6614X, p. 01–22. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/33133>>. Acesso em: 25 out. 2021.